



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## A Literatura e a liberdade

**Por:** Thiago Henrique de Camargo Abrahão<sup>54</sup>  
henrique\_filosofia@hotmail.com

### Resumo

Em virtude da diminuição paulatina do senso histórico dos homens — consciências por isso passivas diante da realidade social, a viverem entre valores fragmentados que não permitem uma compreensão mais completa e aprofundada de sua situação —, haveria, segundo Jean-Paul Sartre, uma função para a literatura, a qual, interpenetrando-se com a filosofia, seria um meio para estimular a percepção da liberdade e da responsabilidade do homem, consciência em meio a outras consciências. A partir dos textos de filosofia e de teoria da literatura sartrianos, bem como de outros teóricos que problematizaram não apenas a arte, mas, também, o ressonante século XX, veremos qual seria o papel da literatura segundo Sartre, os motivos que o levaram a defender noções como o engajamento do escritor e como suas ideias poderiam ser úteis para pensarmos a atualidade.

**Palavras-chave:** Jean-Paul Sartre; Literatura; Filosofia; Liberdade; Responsabilidade.

### Resumo

*Pro la laŭgrada malkresko en la historia senco de viroj – konsciencoj tiom pasiva en la vizaĝo de sócia realaĵo, vivi inter fragmentitaj valorojn kiujn ne permesas pli kompletan kaj profundan komprenon de via situacio – havus laŭ Jean-Paul Sartre, funkcio por la Literaturo, kiu, interpenetrantiĝas kun la Filozofio, estus rimedo por stimuli percepton de libero kaj respondeco de la homo, konscio inter aliaj konsciencoj. Ekde la filozofaj tekstoj kaj ekde sartreana teoria Literaturo, tiel teoriistoj kiuj alproksimigis nenur el arto, sed ankaŭ la resonante dudeka jarcento, ni vidos kion la rolon de dua Sartre Literaturo, la kialoj kiuj kondukis al protekti nociojn kiel skribilon engaĝiĝo kaj kiel liaj ideoj povus esti utila por pensi pri la nuno.*

**Ŝlosilvortoj:** Jean-Paul Sartre; Literaturo; Filozofio; Libereco; Respondeco.

54 É mestrando em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho – UNESP – Campos do Jordão/ SP e graduado e licenciado em Letras pela mesma instituição. Foi premiado em 2010 no Concurso de textos literários – CAL 10 anos – Conto Ibilce – Cal e em 2008, no V Concurso Literário do Ibilce – Poesia.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Abstract**

*Because of the gradual decrease of the men's historical sense - passive consciences in the face of social reality, living among fragmented values that do not allow a more complete and thorough understanding of their situation - there would be, according to Jean-Paul Sartre, a function to literature, which, interpenetrating with philosophy, it would be a way to stimulate the perception of freedom and responsibility of man, a consciousness amid other consciences. From the Sartrean texts of philosophy and literary theory, as well as other theorists that problematized not only the art but also the resonant twentieth century, we will see what is the role of literature according to Sartre, the reasons that led him to defend such notions as the engagement of the writer and how his ideas could be useful to think about the present.*

**Keywords:** Jean-Paul Sartre; Literature; Philosophy; Freedom; Responsibility.

**Considerações iniciais**

Apesar do que dizem as opiniões encomendadas, é evidente que não vivemos em um mundo leibniziano — mesmo porque o nariz dos míopes não foi feito *apenas* para segurar seus óculos —, e mesmo considerando a cruel hipótese de que a crise é nossa condição-padrão, há certas crises que, com algum diálogo, poderiam ser recicladas em solução antes de se tornarem *precipitado*. São complexas as conexões entre os muitos zeros que resultam no quociente (ou, diríamos, no resto) a partir do qual se valoriza acriticamente a atualidade, mas poderíamos citar, reforçando as já sabidas características do mundo atual, o individualismo exacerbado na (*e por causa da*) sensação de pertencimento social em declínio; a percepção fragmentada da realidade histórica, consequência (*e causa*) da ossificação do tempo achatado do agora — a alienar o homem do (*e no*) espaço/tempo —; e a ditadura do gozo instantâneo, perda da liberdade da (*e na*) Arte, esta que está, cada vez *mais* — questão de quantidade, não de qualidade —, submetida às exigências irrefletidas de seus consumidores.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A respeito dessa última característica, dentre tantas outras importantes, gostaríamos, aqui, de evidenciar *en passant*, o que são tais problemas, por que são problemas e o que já se fez na tentativa de serem solucionados — nomeadamente o pensamento filosófico e literário de Jean-Paul Sartre. Assumido e, sobretudo, satisfatoriamente realizado aquilo a que nos propusemos nestas linhas, registrem-se, de imediato, sinceras desculpas ao exigente leitor, pois nosso objetivo é tão somente o de recuperar e dizer o óbvio — pautando-nos, ao menos, no fato de que, por vezes, é necessário, senão imprescindível, lembrá-lo pausadamente.

### Um “intelectual total” no século XX

A vida, a obra e o pensamento de Jean-Paul Sartre (Paris, 1905–1980) inserem-se no horizonte do que Eric Hobsbawm (1995) chamou de “era dos extremos”, momento histórico em que o surgimento de ideologias totalitárias, de duas guerras mundiais e da série de crises políticas, econômicas, sociais e morais que tiveram espaço ao longo do período de contrastes que foi o século XX — crises que tomaram corpo com a concepção de novos aparatos técnicos, alcançando a possibilidade do extermínio da espécie humana com o desenvolvimento da bomba atômica, malgrado a derrocada dos princípios morais — serviram de húmus para o pensamento de um escritor que pautou seus esforços na constituição de uma filosofia da liberdade apta a problematizar a existência humana, e de uma produção literária capaz de colocar o homem no centro das discussões éticas.

No que o biógrafo Bernard-Henry Lévy (2000) designou, em obra homônima, de o “século de Sartre”, a ascensão de um pensamento humanista foi capaz de marcar os eventos na França e no mundo, contribuindo para as

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

discussões acerca da liberdade (ou, antes, de sua falta), da posição humana frente à história (seja ela a História, seja, sobretudo, a história de cada homem), da vida humana conturbada pela perda de valores que deveriam nortear sua existência. Enquanto filósofo, Sartre propôs uma filosofia da existência que correspondesse às exigências impostas quando um abismo de sentido, e todas as consequentes contradições morais, sociais e políticas, se coloca à frente, como um desafio a transpor a fim de assegurar linhas mestras que deem ao ser humano as balizas que o conduzam ao reconhecimento de sua condição sócio-histórica e à possibilidade de mudá-la. Enquanto literato, pautou seus esforços para apresentar personagens em situações extremas, diante de dilemas inerentes à condição humana, em uma conjuntura que deveria permitir a discussão de uma realidade na qual o conformismo é inevitavelmente pernicioso.

A literatura, nesse contexto, reverberou os problemas sociais, culturais, econômicos, políticos, existenciais do homem e, a par de conflitos como a libertação da Argélia (então colônia francesa), as guerras imperialistas na África e na Ásia e as revoluções socialistas, escritores e filósofos como Sartre e Albert Camus — este, pensador de grande importância para a formação política daquele, embora tenham se desentendido posteriormente por questões políticas<sup>55</sup> —, aliando a produção literária aos ditames de suas filosofias, fizeram de seus escritos obras ligadas a causas a defender, pautando-se na defesa de ideais os mais urgentes em uma época em crise, em que seria necessário um pensamento crítico que afrontasse o colapso de valores até então tidos como eternos (ou assim se queria) e as contradições então reinantes, seja nas ideias, seja nas ações dos homens. A necessidade de se pensar a história — e na história — levou, portanto,

---

55 Para Camus, diferentemente de Sartre, o homem não deveria subordinar o presente e a vida humana em nome do futuro.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Sartre e outros pensadores a conceberem novos significados para o passado, a considerarem os desafios do presente e a imaginar outros e melhores rumos para a humanidade.

Ora, pensar a literatura nesse meio exigia tratá-la enquanto questão social, não alienada da existência e dos problemas humanos, pois o fazer literário seria capaz, por meio da linguagem, de mostrar, discutir e, no melhor dos casos, contribuir para a transformação de determinadas circunstâncias socialmente negativas à maioria. A relação do ser humano com sua própria realidade precisaria ser repensada, a partir de uma tomada de consciência historicizante do que é existir, e, por conseguinte, também a relação do cidadão com a sociedade, assumindo-se que as questões sociopolíticas de uma época dizem respeito a todos que a vivenciam. Desse modo, Sartre entendeu necessário reinserir a literatura, engajando-a em um mundo no qual o mutismo, o quietismo, a passividade, a conivência ou outra palavra que expresse apatia intelectual diante da antipatia do mundo — palavras que, ao longo da história humana, não trouxeram outra espécie de efeitos senão os deletérios — tornaram-se particularmente nocivos no contexto europeu do século XX, como provam os campos de concentração nazistas e os *gulags* soviéticos, posto que enfraqueciam a liberdade de pensamento e, *a fortiori*, a autonomia do homem em meio a políticas de exceção que poderiam ser (e foram) enredos de história distópicas.

Contudo, a trajetória de Sartre não foi linear, sendo constantes suas mudanças de opinião e de posição (que os críticos viam, não sem razão, como uma inconstância perigosa) ao longo de seu desenvolvimento intelectual. O percurso de sua formação, que se estende de uma postura solipsista até uma marxista, revelando-se, nesse itinerário, uma oportunidade de potencialização do



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

enfrentamento da responsabilidade humana quanto à história — cuja memória, por vezes, os homens não sabem usar como prevenção, seja porque não a *sobreviveram*, seja porque souberam dissimulá-la, seja porque, como diria Primo Levi (*apud* HOBSBAWM, 1996, p. 11), “não voltaram, ou voltaram sem palavras” —, teve origem a partir dos eventos relacionados à Segunda Guerra Mundial, cujas experiências permitiram-no apreender o mundo e sua situação, sua responsabilidade e seu compromisso para com a coletividade. Enquanto soldado a trabalhar no setor de meteorologia do exército francês e, posteriormente, enquanto prisioneiro de guerra, Sartre foi arrancado do imobilismo para passar ao comprometimento, abandonando uma postura apolítica para defender uma atitude engajada.

Quanto ao homem, compreendido como liberdade a se fazer na história (e, com isso, a fazer a história) enquanto é feito por ela, Sartre insiste na concepção de uma moral, mas não de um processo moralizante, que se insere entre as estruturas sociais e a práxis individual. O engajamento literário, então, vai de encontro a tais ideias, posto ser a escrita, tanto para Sartre como para Camus, uma forma de ação. A diferença ente os autores se encontra, todavia, no fato de que Sartre via o engajamento como algo obrigatório aos escritores, o que Camus não aceitava por entender que nenhuma ideologia deveria ser colocada acima dos indivíduos, além do que a história e a violência não deveriam ser situadas acima da moral. Diante do contexto histórico em que se encontrava Sartre, a saber, a Europa nas décadas de 1930-40, quando o conflito de ideologias totalitárias tornava o ar saturado de crises morais que, não raro, resultaram em perspectivas genocidas, o escritor não deveria prever ou conjecturar passivamente, mas se comprometer e projetar novas perspectivas, esforçando-se para integrar criticamente a ordem



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

social. Sartre defenderá, pois, uma literatura ativa, pautada na crítica, na ação, na liberdade das partes envolvidas: por não existir sozinho, por não escrever apenas para si, o escritor teria, pois, de considerar a contraparte de seus esforços de criação, a saber, seu interlocutor, de modo que a literatura passou a ser entendida como um esforço mútuo, de imaginação e de compreensão, entre duas consciências que se exigem, a do escritor e a do leitor, ambos atentos, idealmente, a respeito do mundo (e dos problemas) em que vivem.

Ao projetar um compromisso do escritor para com sua sociedade, Sartre viu na literatura uma forma de capacitar os homens a construírem a mediação necessária entre escritor e leitor para ser possível a tomada de consciência de uma situação conformista cuja aceitação passiva dos homens a faz permanecer perigosamente inalterada. A leitura, então, assenta-se em um movimento de generosidade, pois leitor e autor devem ser depositários de confiança um no outro, sendo um processo não obrigatório a acarretar uma escolha independente de ambos e a estabelecer um processo dialético em que ambas as partes se exigem, se afetam e fomentam o desvendamento da liberdade um do outro. Em face da dificuldade ou impossibilidade humana em escapar dos condicionamentos sociais impostos, a literatura poderia ser um meio pelo qual o escritor, a partir de sua liberdade (desde que assegurada), pudesse apelar à liberdade do leitor para fazê-lo consciente de sua (do leitor) situação, possibilitando-lhe compreendê-la, agir a respeito, modificá-la. Sartre opõe, portanto, contemplação desinteressada e compreensão crítica, esta a incitar o fazer literário a ser instrumento de conscientização, não de puro entretenimento ou fruição — daí que a ideia kantiana de “prazer sem interesse” é negada em favor de um compromisso social acompanhado de uma responsabilidade histórica. Em



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

outras palavras, a literatura não existe para simples distração, pois, antes de entreter, tem sua importância essencial pautada na compreensão da maneira de agir do homem, de modo que fazer do texto literário simples entretenimento é, segundo Sartre, ignorar o poder inerente a ele, qual seja, revelar o que tentamos a todo custo, por cinismo, por conivência ou por ingenuidade, ocultar. Ao escritor caberia a responsabilidade de testemunhar — isto é, de elucidar o obscurecido a partir da identificação crítica da alienação que sujeita o homem — para, sobretudo, contribuir com possíveis mudanças a partir da ação (o segundo passo) que se segue ao (primeiro passo que é o) reconhecimento e à compreensão da realidade. Sendo o livro um “se” cujo “então” exige a participação do leitor, comunicar-se literariamente exige o retorno à contraparte da escrita, exige a necessidade de fazer com que seja considerada, pelo leitor, a possibilidade de ir além da coisa escrita estabelecida pelo autor.

Relacionado à liberdade, à linguagem e à ação, outro importante conceito no pensamento sartriano, a saber, o engajamento, tenciona afirmar a responsabilidade dos escritores para com o esclarecimento do mundo — por meio da linguagem, do trabalho no plano formal — e o conseqüente ímpeto em mudá-lo. Nesse sentido, por sua natureza não crítica, mas conivente com a realidade, a literatura de diversão não consideraria a possibilidade de mudança sociopolítica, pois, pelo contrário, teria o objetivo de manter o *status quo* e todos os problemas a ele inerentes.

### **O existencialismo e a literatura**

A filosofia da existência, outro nome dado ao movimento existencialista francês, que teve em Sartre o seu mais importante porta-voz, funda-se na tentativa



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de dar respostas às inquietações ontológicas do homem, pois se debruça na compreensão da existência humana e na defesa dos aspectos essenciais de sua constituição. O pensamento existencialista de Sartre<sup>56</sup> abordou importantes problemas do século XX, dentre os quais as questões morais e as contradições humanas, sublinhadas pela sensação de náusea surgida da responsabilidade humana que advém àqueles que não mais admitem nenhum guia, senão eles mesmos, no exercício dessa responsabilidade — daí o existencialismo ateu de Sartre, que, diríamos, revisitando o inquisidor de Dostoievski em *Os irmãos Karamazov*, poderia assumir, sem embargo, que “Se Deus não existe, tudo é responsabilidade”.

Essa corrente filosófica, cuja palavra-chave é a liberdade e tem em *L'être et le néant* (1943) sua obra principal, parte de um princípio fundamental, a saber, que a existência humana precede sua essência. Isso significa que o homem não possui uma essência *a priori* (o que exclui a necessidade de um deus que a conceba), mas, sim, ele primeiro surge no mundo para depois, e continuamente, se definir, se fazer aquilo que é e será. Com a primazia da existência sobre a essência, o homem é liberdade, mas não uma liberdade abstrata, alienada das condições sociais e históricas. A liberdade não é, tampouco, uma faculdade humana, uma disposição para agir (como quando dizemos que somos livres para ler um livro), pois não se trata de algo que o homem tem, mas algo que o homem é. Trata-se do fundamento ontológico do homem porque, segundo entende o filósofo, “o homem é, primeiramente, um projeto que se vive subjetivamente, em lugar de ser uma massa, algo podre, uma couve-flor” (SARTRE, 1958, p. 23). A liberdade é entendida

---

56 . Que, a partir de agora, chamaremos apenas de existencialismo, malgrado a existência de outras vertentes, como o existencialismo cristão de Søren Kierkegaard ou o existencialismo absurdista de Camus.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pelo pensador francês como capaz de alterar a racionalidade ocidental, presa a valores ultrapassados e a máximas deterministas que proíbem o homem de ser senhor de sua própria história: sob a ótica sartriana, há uma recusa em crer em um determinismo que coíbe o ser humano de suas próprias iniciativas e responsabilidades.

De acordo com as duas grandes categorias ontológicas sartrianas ou modos fundamentais do ser (a saber, o em-si e o para-si), as couves-flores seriam seres “em-si”, que se caracterizam pela positividade (pois são o que são e não podem ser, por livre e espontânea vontade, outra coisa) e pela total contingência, não se fundando em (e não se deduzindo de) nada, pois eles simplesmente são. Some-se a isso que o ser em-si designa o ser dos objetos, opondo-se ao ser da consciência, e se dá como exterioridade sem interioridade (sem consciência, pois), mostrando-se apenas em sua fenomenalidade. O homem, por sua vez, é um ser “para-si”, modo de ser da consciência, que se define pela sua ligação a si enquanto consciência de si. Diante da questão “existo para quê?”, cabe unicamente ao próprio homem, ao escolher sua razão de existir, escolher também sua essência. Essa escolha é, então, obrigatória, pois, sendo o homem ontologicamente condenado à liberdade, não lhe é possível não escolher, pois escolher não escolher já é, a seu modo, uma escolha.

A liberdade acarreta ao homem um perene exercício de constituição e de significação de si mesmo, exercício que se situa em um horizonte de possibilidades que já existiam quando ele surgiu (sua condição social, seu ambiente histórico etc.) e que ele pode aceitar ou recusar. Esse todo, a facticidade da existência, constitui, para o sujeito humano, uma dada situação, diante da qual a sua ação significa, pois, uma reação às condições que permeiam o exercício de sua



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

liberdade. Portanto, a liberdade para o existencialismo diz respeito ao livre confronto com as adversidades, conflito que somos condenados a aceitar, com o fito de superá-las para a realização de nosso projeto livre de ser — um projeto livre que pressupõe um ser livre. Desse modo, a filosofia da existência leva o homem a assumir aquilo que é, bem como as consequências que disso se seguem, pois toda escolha livremente tomada acarreta uma responsabilidade — que não se encerra na individualidade, haja vista essa responsabilidade dizer respeito a todos os homens, a todas as consciências de um mesmo presente.

Disso se segue que a concepção da liberdade é, para Sartre, uma ideia que orienta um projeto ético pautado na reflexão sobre as possibilidades, em um contexto histórico-social contingente, de uma práxis da liberdade, pois o fato de nascermos em dado contexto compromete-nos com ele. Dentre as possibilidades possíveis, a indiferença e a dissimulação são opções que podem ser eleitas diante dos problemas de nosso tempo. Nesse caso, ao fugirmos de nossa responsabilidade, mentindo a nós mesmos sobre o que somos e sobre o compromisso que devemos assumir, estaremos diante do que Sartre chamou de “*má-fé*” — que não é idêntica à mentira, pois esta pressupõe que o enganador e o enganado sejam indivíduos distintos —, a *supor*, esta, uma dissimulação que o homem faz a si mesmo para esconder de si sua liberdade e sua consequente responsabilidade.

Ao viver sua condição histórica, o homem se descobre entre sua condição existencial livre, sem essência pré-determinada e a demandar sua própria constituição, e sua condição ética, posto que vive com outras consciências que, como ele, também são livres para agirem e elegerem seus valores. Uma vez que não traz em si determinação alguma, o homem, para-si, ser dos possíveis, é abertura a

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

todas as possibilidades: sem pré-determinações ontológicas, é obrigado a voltar-se para o mundo (para os seres em-si) e para os homens para se completar, em um movimento de transcendência característico dos seres para-si, que nada são senão sua capacidade de se voltar para o mundo — e o ser humano, por esse viés, é sua capacidade de se inventar, é disposição permanente para escolher o que quer chegar a ser. Em suma, o imperativo da liberdade humana complementa-se com a responsabilidade reivindicada por essa liberdade.

Responsáveis que somos, sem ninguém para culpar senão nós mesmos caso nosso projeto de ser não se realize — ou mesmo se se realizar, pois há responsabilidade também aí —, a isso Sartre dá o nome de “compromisso” ou, a seu modo, “engajamento”. Presente em cada escolha, ato, palavra ou silêncio, é pelo engajamento — a não dizer respeito apenas a uma ação de cunho político — que o homem é capaz de afirmar seus valores morais, de tomar consciência de si e de assumir sua realidade. Enquanto consciência que é, não há, para o ser humano, qualquer possibilidade de ação que não esteja inserida no mundo, que não se dê em uma situação específica, de modo que o mundo é revelado pelo “para-si” como um contexto pleno de atos por se realizar.

Ora, por não ser o homem mero espectador a contemplar um mundo envolto em questões e problemas que, assim se pensa (ou assim se quer, por má-fé, pensar), não lhe dizem respeito, sua existência é pautada, na verdade, por seu engajamento quanto às questões que a concretude histórica propõe e dele exige respostas. Se a liberdade do homem não é algo abstrato, mas situado no ambiente sócio-histórico, isso consequentemente acarreta uma responsabilidade resultante de uma consciência no mundo descoberta pelo desvelar<sup>57</sup> de si mesma. Vemos, a

---

57 Entendendo-se por desvelamento o ato de colocar algo em evidência a fim de elucidá-lo, de esclarecê-lo ao retirar-lhe o véu, como propôs Martin Heidegger ao apontar a etimologia grega



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

esse respeito, que as personagens dos romances sartrianos encontram-se divididas entre a má-fé e a autenticidade — ou seja, entre a possibilidade de iludir-se com desculpas que as salvaguardem da responsabilidade inerente às suas escolhas e a admissão da facticidade da existência a partir da aceitação da responsabilidade pela situação humana.

Diante do presente em que o homem se encontra, mistura de problemas metafísicos (em relação à necessária e livre constituição de sua essência) e de problemas históricos (envoltos pela situação com a qual os homens se deparam na manifestação de sua liberdade), as questões que são propriamente nossas são aquelas que nosso próprio tempo nos coloca. Ao lado da reflexão filosófica, a literatura, então, enquanto possibilidade de construção de experiências fictícias, oferece-se como um caminho de elucidação do homem e de seus problemas, pois filosofia e literatura são, *mutatis mutandis*, possibilidade de compreensão da consciência engajada em seu presente:

Essa consciência que vive a instabilidade do presente e a ansiedade inerente ao futuro leva diretamente ao caráter concreto da historicidade, ao mostrar que a história não é apenas o *meio ambiente* no qual transcorre a vida humana, mas o contexto contraditório das mediações pelas quais e entre as quais se constroem a subjetividade e a intersubjetividade. (SILVA, 2004, p. 23)

Embora sofra com as limitações próprias da linguagem e da técnica, bem como com a imprevisibilidade da recepção de sua obra, o escritor, que como qualquer homem confronta sua própria subjetividade com a história, se propõe a ver na própria historicidade a universalidade do homem, isto é, sua liberdade, na busca pela compreensão do que é ser humano. De acordo com essas linhas teóricas norteadoras da filosofia existencialista, podemos, então, compreender o lugar da

---

da palavra ἀλήθεια (*alétheia*, negação do esquecimento; logo, verdade, realidade).

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

literatura no pensamento de Sartre, cujo pensamento teórico que não se queria restrito a considerações de ordem metafísica distantes da experiência real, pois, pautado na tentativa de mudar sua época, Sartre tencionou agir, levando a cabo os dizerem de Karl Marx (1998, p. 26) a respeito do ofício dos filósofos, que por muito tempo haviam tentado entender o mundo, mas restava transformá-lo.

Ao fazer da literatura parte de seu instrumental de pensamento e ação, Sartre voltou-se para a organização de um corpo teórico e estético que pautasse seu fazer literário. Combinando “sofisticação intelectual com uma sensibilidade propriamente estética” (JAMESON, 1997, p. 23), além de uma orientação humanista, surge do trabalho literário de Sartre um pensamento geral, de caráter marxista, sobre a capacidade de influência das criações artísticas no mundo, sempre pautadas no decurso da historicidade em que se encontram o artista e seus leitores (ou espectadores, no caso do teatro ou do cinema). A lidar tanto com a particularidade das situações como com o absoluto que é o homem, temos que a literatura sartriana se encontra nesse cruzamento contraditório, a aliar ética e estética, universal e particular, metafísica e história.

Essa literatura, enquanto questionamento sobre a ordem humana, se dá por meio de uma passagem entre o mundo do imaginário, irreal, próprio das manifestações artísticas, e a existência histórica ou o mundo real. Sendo o homem o ser para o qual seu próprio ser está em questão e constantemente a ser feito, escolhido, significado por si e pelos outros, some-se a isso que, diante da necessidade de conceber incessantemente a sua própria essência, por não ser possível chegar a uma resposta definitiva sobre si, há também o problema de ser impossível uma elaboração definitiva da pergunta quanto à sua existência, posto que não há, por um lado, essência pré-concebida que sirva como alicerce para seus



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

questionamentos, e por outro lado a própria historicidade flui sem deixar que o homem se ancore em algo que lhe dê certezas inabaláveis: crítica e, por conseguinte, contra respostas prontas, a literatura engajada, a permitir que o homem explore o que não sonda (por medo, preguiça ou automatismo), requisita à imaginação que sorva a realidade, que a purgue, juntamente com a recuperação de uma totalidade, de uma historicidade, de uma liberdade, de uma responsabilidade dissimuladas ou coagidas por poderes que não dizem respeito à *humanidade*.

É o fato de ser livre, portanto, que lança o homem na elaboração constante de perguntas e de respostas sobre si e sobre o mundo, e, em face disso, a literatura admite a possibilidade de produzir sentidos a partir da elucidação do compromisso, da responsabilidade, da historicidade que se evidencia no momento da leitura: autor e leitor são depositários de suas liberdades e, juntos, fazem surgir a obra que, em seu escopo, apresenta o desvelamento das consciências em jogo e do mundo real que é espelhado no universo do irreal. Disso se segue que não há espaço para a neutralidade diante das questões apresentadas nos textos literários do autor: ecoam, em cada história, em cada personagem, questionamentos morais que demandam, dos leitores, não a contemplação desinteressada da manifestação artística, mas a atenção crítica ao engajamento — a estabelecer o que Antonio Candido (2006, p. 135) chamou de “o conflito entre a inteligência participante e a inteligência contemplativa” — que se estabelece quando são lidas e exploradas as histórias que, ao preço de nos fornecer uma consciência infeliz, exigem-nos uma participação quanto à compreensão do mundo narrado — este, a *recuperar* o mundo real que contém os problemas que não são alheios a nós mesmos.

Ao fazer convergir para os mesmos propósitos os recursos conjugados da filosofia e da literatura, e diante da falta de discussões mais amplas, que não



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

fiquem apenas dentro das reuniões diplomáticas e/ou dos muros de marfim da Academia, Sartre tentou evidenciar as limitações e as possibilidades de indivíduos concretos, homens situados na história, entranhados no cotidiano, por vezes desconfortavelmente lúcidos. Não é correto, no entanto, o que dizem alguns comentadores sobre a literatura sartriana que a concebem como mero veículo de ilustração de sua filosofia — ou o contrário, a saber, que sua obra filosófica seria tão somente um movimento de conceitualização de suas peças, de seus romances e de seus contos —: há uma “conexão *orgânica*” (MÉSZÁROS, 2012, p. 25), uma “vizinhança comunicante” (SILVA, 2004, p. 13) que liga literatura e filosofia em se tratando da exposição de determinadas ideias, embora isso se dê por linguagens distintas.

A importância da literatura se coloca, pois, em sua capacidade de descrever a realidade humana tal qual é vivenciada por personagens, indivíduos, seres em situação, isto é, de tratar de temas e contextos no seio das atitudes humanas, já que a filosofia, pelo seu tratamento teórico-conceitual, não é capaz de descrever a realidade humana dos indivíduos e suas particularidades contextualizadas, cujos parâmetros e variáveis dificilmente são captados pela linguagem filosófica. Ainda que possa (e mesmo deva, como quer o marxismo) aproximar-se da concretude histórica, a filosofia depende do tratamento do universal, e é por essa contradição que é assegurado o valor de ambos os modos de expressão, seja a literatura, seja a filosofia, cada um a complementar, de acordo com uma perspectiva diferente e de maneiras distintas, aspectos da realidade humana que, para Sartre, precisam ser evidenciadas com o intento de admitir as problemáticas humanas e colocá-las no centro dos debates.

Em resumo, para Sartre a filosofia é capaz de descrever



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conceitualmente o homem, mas com isso perde a capacidade de retratar o que o homem é e faz (papel próprio da literatura), e a literatura, por sua vez, apesar de não trabalhar do mesmo modo com conceitualizações, é capaz de retratar o homem em seu contexto, e a experiência histórica (que na realidade é apresentada em fragmentos), de maneira totalizadora: “é uma verdade que se torna, que se organiza minuciosamente, é toda uma existência humana que passa do abstrato ao concreto, da miséria à riqueza, do universal ao singular, da objetividade anônima à subjetividade” (SARTRE, 1964, p. 44). Como nem a filosofia nem a literatura são capazes de conceitualizar e de retratar ao mesmo tempo, a comunicação frutífera entre elas permite que Sartre trabalhe uma temática — como a da contingência, no caso do romance *A náusea* (1938), ou a liberdade, em *La mort dans l'âme* (1949) — a partir de duas perspectivas, havendo uma complementação de discursos a partir da qual o que a filosofia é incapaz de explicitar a literatura o faz, e vice-versa. A distinção primordial entre os dois gêneros está, para Sartre (1976, p. 137), ligada à questão da univocidade, evidenciando-se, com isso, o problema do controle do sentido, que, se por um lado é exigência do discurso filosófico, por outro lado deixa, sob certo ângulo, de ser problema para a literatura: a ambiguidade do literário, aberto a múltiplas interpretações, prescinde do controle do sentido pelo escritor.

### Considerações finais

O que haveria, hoje, no cerne da realidade para que seja tão natural, em nossos dias, fantasiá-la com esquecimentos e distorções? Seríamos nós o seu reflexo igualmente adornado — mas com sucessivas máscaras —? De que forma, então, despi-la? E de que forma, principalmente, nos despir? Filha da insatisfação, a inteligência nunca admitiu, quando *praticada*, a proibição do direito ao senso



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

crítico, ao *livre-pensar*. Exterior a nós, o *não* peremptório não se nota: um véu lançado à frente condenou as perspectivas. Como, portanto, entender o mundo se nos proibem o olhar?

Com a literatura, diria Sartre — mas não apenas, como o escritor posteriormente aceitou<sup>58</sup>. É diante da perda da liberdade da Arte, devido à sua submissão aos imperativos do gosto terceirizado, que hoje, tanto quanto na época do escritor francês (senão sempre), se faz essencial problematizar com mais profundidade o mundo e, também, os motivos pelos quais a literatura, inevitável veículo ideológico, se torna ela mesma um problema — contraditoriamente, por sua convivência com os problemas.

De acordo com o que acompanhamos, a obra literária sartriana, ainda que por vezes ingênua em pontos como a generosidade e a aceitação da responsabilidade, pautou-se em tentar ser um reflexo (e uma reflexão) da consciência do ser humano, em que a problemática da representação é colocada como responsabilidade no esforço mútuo entre escritor e leitor, livres e engajados em uma mesma realidade. Sartre, pensando o indivíduo enquanto parte da coletividade, e a coletividade enquanto parte da história, esforçou-se para escrever a fim de dar a pensar — mesmo porque quem não pensa é *pensado* —, a fim de afirmar que a liberdade humana não é uma abstração metafísica inerte, mas o ingrediente mais íntimo do que é o homem; livre, sim, mas também responsável, comprometido com o que escolhe e com o que deixa de escolher, com o que pensa e diz, bem como com o que ignora ou silencia. Isso leva à reflexão sobre nosso

---

58 É válido ressaltar que não queremos afirmar, aqui, que a Arte, por si só, é capaz de resolver os problemas do mundo, ou simplesmente de ordená-los e significá-los. Mas, embora não seja condição suficiente, a Literatura é condição necessária para tanto, pois por ela passam valores, juízos, possibilidades, receios, orgulhos, nojos, esperanças, em suma, tudo o que faz parte de uma formação lúcida do homem, como salientou Candido (2002).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

próprio modo de considerar a literatura em nossa época, como a empregaremos em nosso próprio momento histórico, em nossos próprios problemas, que, queiramos ou não, são refletidos em e por nossas práticas.

Sejam quais forem os caminhos a seguir, podemos ao menos aceitar que as questões são muitas e as respostas nunca serão definitivas. Mas, antes de ser um problema, a impossibilidade de conclusões categóricas ocasiona um processo produtivo resultante da constante e inevitável significação das questões e das respostas que se colocam à frente do homem — dinâmica que se coaduna com o constante processo de retomada e significação que é, segundo Sartre, a existência de cada indivíduo no mundo.

### Referências

CANDIDO, A. “A literatura e a formação do homem” . In **Textos de intervenção** . São Paulo: Duas Cidades, 2002.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade** . Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

HOBBSAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX** . Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAMESON, F. **O marxismo tardio: Adorno, ou a persistência da dialética** . Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Boitempo, 1997.

LÉVY, B.-H. **Le siècle de Sartre: enquête philosophique** . Paris: Bernard Grasset, 2000.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista** . Bauru: Edipro, 1998.

MÉSZÁROS, I. **A obra de Sartre: busca da liberdade e desafio da história** . Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2012.

SARTRE, J.-P. **L'être et le néant** . Paris: Gallimard, 1943.

\_\_\_\_\_. **L'existentialisme est un humanisme** . Paris: Éditions Nagel, 1958.

\_\_\_\_\_. **La mort dans l'âme** . 89. ed. Paris: Gallimard, 1949.

\_\_\_\_\_. **La nausée** . Paris, Gallimard, 1938.



$I\Phi$ -Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

\_\_\_\_\_. ***Situations, IV***. Paris: Gallimard, 1964.

\_\_\_\_\_. ***Situations, X***. Paris: Gallimard, 1976.

SILVA, F. **Ética e literatura em Sartre**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.